



## Peste negra e o fim da educação medieval

Lucas Henrique Feitosa de Mattos <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo expõe como a pandemia de Peste Negra, ocorrida mais de um século antes do fim do Medievo, pode se dizer como causa remota do fim da Idade Média e do surgimento do Renascimento. Entre as muitas alterações de caráter social, econômico e político, a grande transição da qual se tomará nota ocorreu no campo da educação. A pedagogia medieval, de caráter sobrenatural e profundamente cristã, progressivamente se viu substituída pelo humanismo, redescoberto da antiguidade clássica. Se a Idade Média fez reinar a Teologia e a Filosofia como ciências soberanas entre os professores e alunos, a partir do século XV e com o desaparecimento dos antigos sábios de profunda contemplação, oradores, poetas e artistas surgem como novos mestres para os novos tempos renascentistas. Por fim, se pergunta se a atual pandemia de COVID-19 possui caráter transformador capaz de substituir os atuais ideais educacionais por outros ainda desconhecidos, a exemplo do que ocorreu com a Peste Negra.

**Abstract:** El presente artículo expone como la pandemia de peste negra, ocurrida hace más de un siglo antes del fin del Medievo, se puede decir como una de las causas remotas del fin de la Edad Media y del surgimiento del Renacimiento. Entre las muchas alteraciones de carácter social, económico y político, la gran transición, ocurrió en el campo de la educación. La pedagogía medieval, de carácter sobrenatural y profundamente cristiana, progresivamente ha sido sustituida por el humanismo, redescubierto de la antigüedad clásica. Si la edad Media hizo reinar la Teología y la Filosofía como ciencias soberanas entre profesores y alumnos, a partir del siglo XVI y con el desaparecimiento de los antiguos maestros de profunda contemplación, oradores, poetas y artistas surgen como nuevos maestros para los nuevos tiempos renacentistas. Por fin, se pregunta si la actual pandemia de COVID 19 posee carácter transformador capaz de sustituir los actuales ideales educacionales por otros aún desconocidos, de forma semejante a lo que pasó con la Peste Negra.

**Palavras-chave:** Educação medieval; Peste negra; Humanismo; Pedagogia renascentista; COVID-19.

**Keywords:** Educación medieval; Peste negra; Humanismo; Pedagogía renacentista; COVID-19.

<sup>1</sup> Mestrando em educação pela Universidade Católica de Petrópolis.

<http://lattes.cnpq.br/5430456283746265>

E-mail: [lucas.educat@gmail.com](mailto:lucas.educat@gmail.com)





## Introdução

O ano de 2020 entrará para a história graças a uma pandemia nascida em Wuhan, província de Hubei, na China, e que rapidamente se espalhou pelo mundo. Para além da alta taxa de contágio e do crescente número de mortos, a pandemia de COVID-19 causou graves alterações em outros fatores, como o colapso dos sistemas econômicos das diversas nações causados pela adoção do *lockdown* como medida de contenção do vírus e mudanças drásticas no modo como a educação se fazia até então, com a interrupção do ensino presencial. Sobre este último ponto, um aplicativo da UNESCO de monitoramento mundial sobre o impacto da COVID-19 nas escolas<sup>2</sup> refere que em determinados momentos do ano mais de 80% de todos os alunos matriculados em alguma escola foram afetados pela pandemia. O valor corresponde a números muito superiores a um bilhão de pessoas. Foi a primeira vez na história que grande parte da educação ocorreu virtualmente, sem o convívio dos alunos com o professor e sem a frequência nas escolas. Não fossem os aplicativos de reunião remota como *Google Meet* e *Zoom*, a educação haveria de ser interrompida por tempo indeterminado.

Entretanto, esta não foi a primeira vez que uma pandemia causaria tamanho impacto na educação. Em meados do século XIV, outra pandemia atingia a civilização ocidental em cheio. A doença, muito mais mortal do que a atual, deixou um rastro de destruição pelas maiores cidades europeias e em alguns anos mudaria definitivamente a cosmovisão do homem medieval através de uma subsequente mudança de ideais pedagógicos. Trata-se da peste bubônica, também conhecida como Peste Negra.

### O que foi a Peste Negra e quais foram os seus efeitos?

Pelo fim do século XIV, o Medievo agonizava e parecia dar seus últimos suspiros como civilização que era. Ao Exílio de Avignon (1309 – 1377) acrescentou-se a Guerra dos Cem anos entre França e Inglaterra (1347 – 1453) e o Cisma do Ocidente (1378 – 1417). As profundas crises sociais manifestadas pela perda do poder secular da Igreja e pelo fortalecimento das nações foram ainda acrescidas pelo surgimento de uma doença mortal e contagiosa, que causou uma verdadeira catástrofe civilizacional na Cristandade.

Vinda da Crimeia, a praga difundiu-se velozmente através da Europa, tendo atingido as regiões mediterrâneas, as ilhas, a Itália, a Espanha, a

<sup>2</sup> Para acessar o aplicativo: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>





França, em 1348. No ano seguinte chegou à Europa central, à Alemanha e às regiões germânicas, à Flandres e ao sul da Inglaterra. Em 1350 manifestou-se no norte da Inglaterra, na Escócia, nas planícies bálticas e nas regiões escandinavas. As crônicas dessa época referem o espetáculo confrangedor das cidades aniquiladas, dos hospitais improvisados e dos cadáveres insepultos. As cidades e as comunidades eclesiásticas foram mais atingidas do que as aldeias e os campos. Algumas localidades rurais foram até mesmo poupadas pelo flagelo, mas o fato é que desapareceu um terço da população da Europa ocidental e, em certas regiões, mais da metade. (NUNES, 2018, p. 22)

Os clérigos e religiosos foram dos mais atingidos pela Peste Negra. Para uma sociedade cristã, é de se imaginar que a possibilidade de oferecer socorro espiritual aos corpos padecentes pela peste fez com que muitos membros da Igreja se aproximassem para oferecer apoio na hora derradeira, o que aumentava a taxa de contágio seguido de morte entre o clero medieval.

A Peste Negra despovoou os conventos, e os religiosos supérstites passaram a viver de modo leviano e reprovável. Descurou-se a prática da pobreza, aceitaram-se candidatos inaptos, e introduziram-se abusos na vida monástica e conventual que se viram agravados, depois, em consequência do péssimo influxo exercido pelo Grande Cisma. Por isso, num sermão pregado na festa de São Domingos, o dominicano São Vicente Ferrer dizia que o mundo não se corrigira, e que as ordens religiosas fundadas para a sua reforma se haviam debilitado e que, se agora São Domingos e São Francisco retornassem à terra, não reconheceriam suas ordens. (NUNES, 2018, p. 22)

A atividade educacional da Igreja na sociedade medieval era praticamente a única disponível. Se os mestres espirituais estavam falecendo vítimas da Peste Negra, é de se imaginar que o nível de instrução do clero com o tempo se reduziria e, conseqüentemente, o mesmo ocorreria com todos que dependiam da educação fornecida pela Igreja. A relação de causa e efeito estabelecida entre a diminuição do clero e a queda do nível do ensino medieval, de fato, se verificou:

A volta de 1350, o cancelário e os mestres de Oxford declararam ao rei que a universidade ficara arruinada com a Peste Negra. Segundo petição dos estudantes de Avignon ao Papa Inocêncio VI em 1361, o seu estudo estava privado de aulas e desprovido de pessoal docente, doutores, licenciados, bacharéis e estudantes [...] antes da Peste Negra, havia guerras, disputas e polêmicas que continuaram a assolar as escolas. No entanto, é só depois de 1348, nas gerações posteriores à Peste Negra, que choveram testemunhos de todos os lados a respeito da decadência das universidades, das deficiências dos mestres e da ameaçadora extinção do saber. (NUNES, 2018, p. 24)





Não é, portanto, exagero pôr a Peste Negra como a marca divisória entre a educação medieval e a educação renascentista. Antes, porém, de apontar o novo ideal de educação proposto pelos mestres da Renascença, vejamos alguns pontos importantes que compõem o profícuo período de educação medieval.

### **Alguns aspectos da Educação no Medievo**

Não seria fácil expor todo o programa educacional de um período que compreende quase mil anos. Apesar das modestas pretensões deste breve artigo, podemos, ao menos, apontar aspectos essenciais para se compreender o essencial da educação do homem medieval.

O primeiro ponto que se necessita ter em mente é que a Igreja Católica foi a única instituição do Ocidente que resistiu à queda do Império Romano causada pela invasão dos bárbaros no século V. Toda a cultura greco-romana do mundo antigo foi transposta à Idade Média graças ao trabalho dos monges copistas, religiosos que tinham por ofício fazer cópias de livros.

O estudo, a cultura e o ensino tornaram-se apanágio dos clérigos e monges, tanto que durante séculos o termo francês *clerc*, clérigo, foi sinônimo de intelectual e letrado. Clérigos e monges precisavam saber ler e escrever para desempenhar o próprio ofício e corresponderem à sua vocação religiosa e eclesiástica. Foi, desse modo, por um processo espontâneo que o clero regular e diocesano se tornou o depositário e o guardião da cultura antiga que se preservou para a posteridade, graças ao labor humilde, constante e impertérrito de clérigos, monges e monjas. (NUNES, 2018, p. 161)

Se pudéssemos apontar a que correspondia o ensino primário durante a Idade Média, recorreríamos às escolas paroquiais. Tamanha a importância destes primeiros centros de estudo que a obrigatoriedade de cada paróquia manter uma escola foi confirmada pelo Concílio de Latrão em 1179. O mestre, em geral, era algum fiel que frequentava a paróquia e os alunos o pagavam com sua própria produção, raramente com dinheiro.

Qual era o conteúdo de seu ensino? Antes de tudo, a doutrina cristã, o catecismo e também a leitura, a escrita, a arte de “fichar” – ou seja, de contar com fichas – certas noções de gramática, e às vezes alguns rudimentos de latim para poder entender melhor a liturgia. Como os livros eram praticamente inexistentes, eram supridos com quadros





murais, feitos com peles de vacas ou ovelhas, sobre os quais se escrevia o que se queria ensinar. (SAENZ, 2020, p. 98)

## As artes liberais do Trivium e do Quadrivium

| 5

Um dos grandes legados deixados pelo mundo antigo à Idade Média são as chamadas artes liberais do *Trivium* e *Quadrivium*, que compunham, por assim dizer, o nível secundário de instrução. O *Trivium* era composto pela Gramática, Lógica e Dialética, enquanto o *Quadrivium* era o estudo da Geometria, Aritmética, Astronomia e Música. As lições em geral eram tidas em escolas anexas aos mosteiros e as aulas serviam como preparação ao estudo das Sagradas Escrituras. Entretanto, diferente do que ocorria na Renascença, o objetivo do programa de estudos não era outro senão a perfeição cristã.

Seguia-se o esquema tradicional, inspirado, ainda que remotamente, em Aristóteles, revisado por Santo Agostinho, e que Alcuíno havia adotado quando Carlos Magno encarregou-lhe de organizar sua escola. [...] Receberam o nome de “artes liberais” porque nelas o espírito humano se desenvolve com mais liberdade, diversamente do que acontece com as “artes mecânicas”, como a carpintaria, a construção etc., que de alguma maneira submetem o homem às exigências da matéria. (SAENZ, 2020, p. 100)

## O surgimento das Universidades

Entre as principais realizações medievais em termos de educação encontra-se a criação das Universidades, que correspondiam ao último estágio do ensino.

Concretamente, as Universidades foram criações eclesiásticas, prolongação, de certa forma, de escolas episcopais, das quais se diferenciavam pelo fato de que dependiam diretamente do Papa e não do bispo do lugar. Os professores, em sua totalidade, pertenciam à Igreja, e em boa parte às ordens religiosas. [...] A universidade constituía um corpo livre, separado da jurisdição civil e dependente unicamente dos tribunais eclesiásticos, o que se considerava como um privilégio que honrava essa corporação de elite. [...] Em meados do século XIII, vivia em Paris um mestre chamado Roberto de Sorbon, cônego da Catedral e conselheiro do Rei Luís IX. Preocupado com a situação dos estudantes pobres, pediu ao rei que lhe cedesse algumas terras e casas da cidade, e colocando dinheiro do seu próprio bolso, fundou um colégio para abrigar dezesseis estudantes de Teologia necessitados. O colégio se chamou da *Sorbone*, em homenagem a seu criador, e seria o germe da Universidade de Paris, considerada como a mais importante da Cristandade, principalmente pela excelência de como era apresentada a Teologia, a rainha das ciências. (SAENZ, 2020, p. 103)





Muitas outras instituições como a de Paris surgiram por toda parte neste florescer intelectual, cada uma buscada pela excelência de seus mestres e ciências. Conta-se a Universidade Bolonha, especializada em Direito Canônico e Civil, a Universidade de Salerno, para onde acorriam alunos de todo Ocidente interessados no estudo da Medicina e a Universidade de Oxford, na Inglaterra. Também surgiram universidades por iniciativa dos monarcas, para gerar vida intelectual em seus reinos. É o caso da Universidade de Coimbra, fundada por Dom Dinis e a Universidade de Salamanca, fundada por Alfonso IX. Estas Universidades eram todas confirmadas pelo Papa, a quem cabia o papel de gerar a educação.

### **Escolástica, o ápice da educação medieval**

Por fim, a atividade intelectual da Idade Média atingiu seu ápice na Escolástica, que soube unir a razão, desenvolvida pelas artes liberais e culminada na Filosofia, à Fé revelada e à Teologia.

Que é, de fato, a Escolástica? Não outra coisa que a aplicação da inteligência humana ao estudo da verdade revelada, objetivando penetrar, enquanto permita a limitação do homem, o significado dos mistérios sobrenaturais; e conseqüentemente o intento de elaborar um sistema orgânico no qual se interagem tanto as verdades naturais como as verdades reveladas. (SAENZ, 2020, p. 110)

O primeiro autor que soube incluir a investigação filosófica nas verdades reveladas foi Anselmo da Cantuária (1033 – 1109), autor do *Proslogion*, um livro onde se pretendia mostrar pela via da razão a existência de Deus. É com a Escolástica que chegamos à Idade de Ouro da Idade Média, o século XIII. Foi neste século que viveram Boaventura, Alberto Magno e muitos outros gênios. O maior entre todos, sem dúvida foi Tomás de Aquino, que uniu o realismo aristotélico à doutrina cristã, verificando não haver contradição entre ambas. Tomás de Aquino é, por assim dizer, o ápice de toda educação medieval. É dizer, sem exagero, que todo o esforço de séculos teve por resultado sua vida intelectual e espiritual profundamente profícua.

Nascido em Roccasecca, na Itália, Tomás de Aquino foi herdeiro de uma das mais nobres famílias da Itália. Era, inclusive, sobrinho do Imperador Frederico Barbaroxa. Estudou com Alberto Magno na escola dominicana de Colônia e foi nomeado professor





na Universidade de Paris. Era consultor teológico do Papa, assistiu Concílios, além de ter deixado à posteridade uma vasta obra.

O número de obras que escreveu durante sua breve vida é impressionante e o conteúdo delas é vastíssimo. Quase nenhum tema de transcendência ficou sem ser tratado por sua pena, e sempre de maneira genial. Ninguém concebeu com mais ousadia que este santo doutor o sonho de uma catedral da inteligência onde os conhecimentos particulares se ordenavam hierarquicamente ao universal. Comentou diversos livros das Sagradas Escrituras com uma profundidade exegetica que surpreende, pronunciou esplêndidos sermões, redigiu obras apologéticas de grande nível, livros sobre Lógica, Física, Ciências Naturais, Política e Metafísica, precisando verdades de ordem teológica e filosófica, de direito privado e público, de índole especulativa e prática. (SAENZ, 2020, p. 117)

| 7

Mas sua grande obra foi a Suma Teológica, ao mesmo tempo a maior obra de todo o pensamento medieval. A Suma é composta de três partes – sendo a segunda parte dividida em duas – e mais um suplemento, escrito por seu secretário após sua morte. A obra foi redigida de acordo com o método preferido dos escolásticos, a *disputatio*, onde cada artigo proposto recebia objeções contra e a favor. Por fim, o mestre solucionava a questão e respondia todas as objeções contrárias. Ao todo, são mais de 10 mil objeções contidas na Suma e respondidas por Santo Tomás de Aquino, que não só tratou com profundidade de desvios até então propostos, como se antecipou a futuros erros.

Todo este esplendor intelectual contido em uma vida brevíssima, visto que morreu aos 49 anos de idade. Santo Tomás dava seu último suspiro no distante ano de 1274, menos de um século antes da Peste Negra iniciar seus estragos na civilização. É curioso notar como tantos eventos ocorreram em tão pouco tempo. O Exílio de Avignon e a Guerra dos Cem anos ainda não haviam começado e não é de se crer que em tão pouco tempo haveria uma transição tão brusca quanto a que tomamos nota. De todo modo, a transição ocorreu. Vejamos, pois, uma síntese do nascimento do Renascimento e quais os novos ideais pedagógicos propostos.

### **Breve história pedagógica da Renascença**

Vimos acima que uma das principais consequências da Peste Negra foi o despovoamento dos monteiros e consequente abandono da vida intelectual.

A Peste Negra dizimou mestre e eruditos das escolas e casas religiosas [...] Uma das consequências culturais dessas calamidades foi, de regra, o desaparecimento de homens de escola no campo dos estudos, quando





se compara o fim do século XIV com a centúria anterior, e ao mesmo tempo o abandono dos estudos sérios e do zelo pelos livros. (NUNES, 2018, p.41)

Já havíamos tomado nota de que os mosteiros preservaram a cultura da antiguidade graças ao trabalho dos copistas. Com muitos mosteiros vazios e a vida intelectual estéril, muitas obras da antiguidade foram esquecidas em estantes e deixadas ao relento. A recuperação destes clássicos em verdadeiro modo de caça foi o primeiro movimento intelectual da embrionária Renascença. Caçadores de códices, não tão enraizados na fé cristã típica do homem medieval, se puseram em verdadeiras aventuras para encontrar obras antigas. Já aqui temos os primeiros embates entre pedagogia medieval e renascentista.

Nos primeiros séculos do cristianismo, muitos mestres cristãos resolveram por ignorar toda a literatura pagã por conta de muitos contos imiscuídos de imoralidade e doutrinas estranhas à fé cristã, como o politeísmo e o culto ao vício. Foi São Basílio Magno (329 – 379) quem soube introduzir os cristãos na literatura profana, salvaguardando tudo aquilo que pusesse em perigo a fé.

Sabemos que Moisés, cuja sabedoria bem conhecemos, dedicou-se às ciências egípcias antes de se dedicar à contemplação das coisas do alto. No século seguinte, o profeta Daniel instruiu-se na sabedoria dos Caldeus da Babilônia, antes de se aplicar às ciências sagradas. Então, **podemos concluir que as ciências profanas não são inúteis.** Agora, é preciso aprender o que delas se pode extrair. [...] Quando nos forem apresentadas personagens infames, taparemos os ouvidos para nos proteger de semelhantes exemplos, como fez Ulisses para evitar o canto das sereias. [grifo nosso] (BASÍLIO, 2012, p. 37)

O grande Bispo da Cesareia deixou alguns conselhos práticos sobre o que se deve procurar nas obras profanas. Ora, muitos autores pagãos deixaram tratados sobre a virtude e nisso devem ser seguidos. Os que, por outro lado, incentivam à imoralidade devem ser deixados de lado.

Devemos estudar os autores profanos que louvam a virtude e condenam o vício. Das flores, nos contentamos em apreciar suas cores e sentir seu perfume; no entanto, as abelhas delas extraem a substância para produzir o mel. Do mesmo modo, aqueles que nas suas leituras não procuram unicamente o prazer poderão extrair coisas muito úteis para o espírito [...] devemos nos concentrar nos poetas, escritores e, sobretudo, nos filósofos que a celebram [a virtude] em inúmeras de suas obras. (BASÍLIO, 2012, p. 38)

Mas se São Basílio aprovava o estudo das obras profanas aos cristãos pela sua utilidade, onde estaria o problema em sua redescoberta pelos mestres renascentistas? Ora,







a resposta se encontra na própria vida do autor da carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã. São Basílio era um verdadeiro mestre espiritual e intelectual, formado nas escolas de Atenas e Constantinopla, situação muito diversa dos caçadores de códices renascentistas, que vinham de uma época de crise causada pela Peste Negra e demais calamidades. O resultado foi que muitos cristãos, com uma fé já cambaleante, se deixaram impregnar pelos ideais pagãos contidos nos livros clássicos.

Acontece, porém, que no Renascimento o ideal pagão da existência e o culto dos valores terrenos que vazaram dos livros antigos para a mente e a existência de muitos humanistas, assim como a ideia consequente de que o homem é um *parvus deus*, um pequeno deus, fizeram com que a educação renascentista contivesse, sob a forma de espírito difuso em muitos escritos, um ideal formativo oposto ao da Idade Média, que fora visceralmente sobrenatural e transcendente. (NUNES, 2018, p. 43)

O problema, portanto, da mudança radical de ideais educacionais da Idade Média para a Renascença não é a Peste Negra em si, mas a profunda crise espiritual e intelectual que a sucedeu. A filosofia e a teologia, reinantes na Escolástica foram sucedidas pela entronização da Retórica e da Oratória, graças aos novos mestres dos humanistas, sobretudo, o orador romano Quintiliano.

Quintiliano foi o mestre da pedagogia renascentista, essencialmente literária, retórica e erudita. Daí dizer Otto Willmann que a *Institutio Oratoria*, o tratado da educação do orador, foi o “código da didática humanística”, de tal modo que o guia dos estudos renascentistas não foi, com efeito, a paideia helênica com o seu cortejo de matemáticas e filosofia, mas a eloquência romana de caráter formal, erudito, e sem ligação íntima com a filosofia cuja parte moral é a que mais interessa aos preocupados com a eficácia elocutiva. (NUNES, 2018, p. 47)

Por fim, notamos que nem mesmo quando surge a Companhia de Jesus fundada por Santo Inácio de Loyola em meados do século XVI, uma ordem essencialmente envolvida com a obra educacional do cristianismo, se volta atrás na pedagogia medieval. Também a *Ratio Studiorum* é um programa de estudos renascentista. Essencialmente cristão e humanista, a um só tempo.

Quintiliano encarna no século XVI a pedagogia Romana. Com a sua moderação e bom senso, com a longa experiência de 20 anos de magistério, com o seu conhecimento psicológico da criança e da arte de educa-la, exerceu sobre a posteridade uma verdadeira fascinação. [...] todos os educadores do Renascimento, homens de teoria ou homens de prática, nascidos em solo italiano ou germânico, aprenderam no texto e no espírito deste tratado [*Instituto Oratoria*]. A esse entusiasmo não se furtaram, nem se podiam furtar, sem deixar de seu tempo, os jesuítas. [...] Sobre grande parte dos exercícios escolares – lições de cor,





correção de deveres, declamação, explicação de autores – o código de ensino de jesuítas inspirou-se mais de uma vez nas suas teorias e nos seus conselhos. (FRANCA, 2019, p.35)

Vê-se, desse modo, a força que abalou definitivamente a pedagogia de toda uma civilização por conta da crise espiritual e intelectual causadas, ainda que remotamente, pela pandemia de Peste Negra. Concluimos o artigo nos perguntando sobre se a atual pandemia pode ter a mesma força revolucionária em termos de educação que sua ancestral.

## Conclusão

O espaço de tempo entre o início da Peste Negra e a Renascença durou algumas décadas. A nós, que ainda vivemos a atual pandemia de COVID-19, seria difícil a tarefa de já de imediato apontar mudanças tão profundas na educação como a que vimos ao longo do artigo. Não deveríamos, entretanto, virar os olhos e fingir que não há mudanças. A medida mais adotada ao redor do mundo para conter o avanço do novo coronavírus foi a proibição de aglomerações através de *lockdowns* totais ou parciais. A atividade de ensino presencial, considerada como aglomeração, foi imediatamente interrompida. A educação, pelo contrário, parece ter encontrado outro meio para seguir: o ensino remoto e em alguns casos, o ensino híbrido. De todo modo, nunca antes na história os rumos da educação estiveram tão dependentes da tecnologia. Não é exagero dizer que sem os aplicativos de reunião remota, sem internet e sem computadores, a educação teria sido completamente interrompida por meses a fio. Em algum tempo, certamente teremos a resposta acerca do que a pandemia trouxe de novidade ao nosso mundo e apostar em uma educação cada vez mais informatizada não seria um tiro no escuro.

Concluimos este artigo com a esperança de que seus leitores tomem nota de que uma pandemia nunca é apenas um problema de saúde, contágio, morte etc. sempre há outros efeitos para além da saúde pública e mesmo áreas que, aparentemente, não tem relação imediata com o vírus e seu combate acabam por ser afetadas. Aos mestres de hoje caberá a missão de recivilizar o mundo pós pandemia, preservando o antigo ou aceitando o novo.





## Referências

BASÍLIO. **Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã**. Campinas: Ecclesiae, 2012.

SAENZ, Alfredo. **A Cristandade e sua cosmovisão**. Rio de Janeiro: Editora CDB, 2020.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Porto Alegre: Edições HSV, 2019.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. Campinas: Kíron, 2018.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação no Renascimento**. Campinas: Kíron, 2018.

